

Raimundo diz que PCP quer diminuir “perceções erradas” sobre a guerra na Ucrânia

written by O Cidadão | 1 de Dezembro, 2024



Em entrevista à agência Lusa a propósito do XXII Congresso do PCP, que se realiza entre 13 e 15 de dezembro em Almada, Paulo Raimundo afirmou que o partido **“não enfia a cabeça na areia”** e reconhece que **“não fez tudo bem”** nas eleições que disputou no último ano, em que, com exceção das regionais na Madeira de setembro de 2023 e das dos Açores de fevereiro de 2024, o PCP perdeu sempre eleitores.

No entanto, o dirigente comunista considerou que também **“seria injusto atribuir apenas ao PCP a responsabilidade”** pelos resultados eleitorais, perguntando o que é mudou na postura do partido que explique que tenha conseguido aumentar o seu eleitorado na Madeira e nos Açores, mas não o tenha feito nas legislativas e nas europeias.

“Foi por causa dos candidatos? Acho que não, acho que os

nossos candidatos ao Parlamento Europeu e à Assembleia da República não ficam atrás de nenhum dos outros partidos desse ponto de vista. É por causa do nosso projeto? Ou é a percepção?”, perguntou, considerando que “há aspetos de percepção sobre o PCP que não ajudam”.

“E também é justo sublinhar que talvez nós não tenhamos feito tudo ao nosso alcance para diminuir essa percepção que eu acho que é errada sobre o PCP”, admitiu, frisando que o partido precisa de “encontrar as formulações e as formas de não contribuir para aumentar essa percepção errada”.

Instado a esclarecer quais são essas percepções, Raimundo salientou que, por exemplo, *“generalizou-se a ideia de que o PCP é pela guerra e, como se não bastasse isso, ainda é apoiante do Putin e outras abstrusidades desse tipo”.*

“Isso é uma percepção que não tem nenhuma razão de ser, pelo contrário. Aliás, se há partido que é pela paz, desde sempre, é o PCP”, afirmou, garantindo que o partido vai fazer “tudo o que estiver ao seu alcance para não alimentar essa percepção errada”.

“Às vezes são pequenas coisas e temos de fazer melhor, não tenho dúvida”, afirmou, reconhecendo também que “há desafios novos aos quais é preciso dar respostas novas”, o que o PCP ainda não conseguiu fazer.

“Mas eu acho que não se devia menosprezar a dimensão da ofensiva” de que o PCP é alvo, disse.

Ucrânia

Sobre a posição do PCP relativamente à guerra na Ucrânia, Raimundo foi questionado se considera que a paz deve passar pela perda de território ucraniano para além da Crimeia, respondendo que *“a paz só se pode fazer juntando à mesa aqueles que intervêm na guerra”.*

“À cabeça: a Rússia, os Estados Unidos, a NATO, a União Europeia e a Ucrânia”, disse, afirmando que não sabe qual deve ser o conteúdo de uma “solução política” para esse conflito.

“A única coisa que sei é que é a única solução que se impõe e já devia ter sido. Porque nós podemos chegar a uma situação em que, depois de milhares e milhares de mortos e de feridos, de regiões totalmente destruídas, a solução que se encontra é aquela que se poderia ter encontrado sem um único tiro dado neste conflito. Isso é que seria ter desperdiçado meios, recursos e, acima de tudo, vidas humanas”, disse.

Interrogado se acha que a eleição de Donald Trump – que prometeu acabar com o conflito em 24 horas – pode ser benéfica para o fim da guerra, Paulo Raimundo respondeu: ***“Acho que a eleição de Trump não é benéfica para nada”.***

“E acho que nos deve fazer pensar a todos, porque ele é eleito a partir do quê? Do discurso fácil, da mentira, de um projeto profundamente reacionário. Mas isso só ganha força porquê? Porque há um conjunto de problemas do ponto de vista social e económico que não tiveram resposta e ganham respaldo naquele discurso. E isso é um aviso”, disse.

OC/AJS/ Tiago Almeida/ Ana Clotilde Correia/Tiago Petinga (fotografia)/Lusa